GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

WAJAKUXI MỸKY

A CASA TRADICIONAL MỸKY *(MOKOOWY MỸKY KJU'U)*

Barra do Bugres
2016

WAJAKUXI MỸKY

A CASA TRADICIONAL MỸKY *(MOKOOWY MỸKY KJU'U)*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

Barra do Bugres
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M996c MỸKY, Wajakuxi.
A casa tradicional *Mỹky* (*Mokoowy Mỹky Kju'u*) / Wajakuxi Mỹky. – Barra do Bugres, 2016.
29 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva.

1. Povo *Mỹky*. 2. Casa Tradicional *Mỹky*. 3. Cultura. 4. Mito. 5. História. 6. Identidade. I. Silva, A. A. da, Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

WAJAKUXI MỸKY

A CASA TRADICIONAL MỸKY *(MOKOOWY MỸKY KJU'U)*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor orientador

_____
Dr. Carlos Edinei de Oliveira
Professor Avaliador

_____
Prof. Dr. João Severino Filho
Professor Avaliador

Barra do Bugres
2016

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, eu dedico esse TCC à minha esposa Kutyru, a meus filhos e filhas Kamâki, Kajowy, Njãkyru, Karauku, Kaau.
Dedico, também, a meu pai Janãxi, cacique da aldeia Japuíra, e à minha mãe Kamâpa.
Dedico a Xinuxi Mỹky, ancião conhecedor de toda a cultura de nosso povo, foi com ele que eu pesquisei sobre a casa tradicional.
Dedico, ainda, a Elizabeth Aracy Rondon Amarante, que nós chamamos de Jurusi e que me assessorou nesse trabalho.
Também dedico meu TCC a Adailton Alves da Silva, meu orientador, que desde o início de meus estudos de matemática como aluno na aldeia, veio me entusiasmando pela etnomatemática.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a toda a comunidade que me apoiou nessa pesquisa sobre o mito de origem e da construção da casa tradicional do povo *Mỹky*, tema do meu TCC.

Eu agradeço muito meu pai Janãxi Mỹky, cacique da comunidade.

Eu agradeço a Xinũxi Mỹky que me ajudou muito e a todos da aldeia Japuíra: lideranças, Conselho da saúde, Diretor da escola, Conselho da escola, ao mais velhos da Aldeia e ao meu xará Wajakuxi que já partiu para casa de *Nahi*.

Também agradeço aos professores indígenas e aos professores não índios e às entidades amigas que, de algum modo, me apoiaram: CIMI, SEDUC, UNEMAT, OPAN e FUNAI.

Depois de finalizado, esse trabalho vai ser muito bom para minha comunidade *Mỹky*, pois depois desse estudo publicado, meus alunos e alunas vão aprender muito sobre a nossa cultura e, de modo especial, sobre o significado da casa tradicional do povo *Mỹky*. Assim, tradição dos velhos vai ficar viva de novo entre nós.

RESUMO

Esse trabalho aborda as diferentes áreas de conhecimento: história, antropologia, ciências, matemática e, muito especialmente, o saber cultural e ancestral do povo *Mỹky*. Início com o relato do mito da origem do povo, mas como o trabalho refere-se à área da matemática, desenvolvo mais detalhadamente o processo de construção da casa tradicional. Trabalho o mito de origem quando o povo morava na Pedra, e logo depois explicou o processo de construção da casa, os diferentes materiais usados, a casa tradicional como moradia e organização social, a casa tradicional como espaço educativo e a importância e o simbolismo dessa casa atualmente. Este trabalho foi realizado em forma de pesquisa e questionário, na Aldeia Japuíra, Terra Indígena Menku. Eu convidei o mais velho da aldeia *Mỹky*, o senhor Wajakuxi Mỹky, que me falou: "Moramos todos juntos dentro da pedra grande. Então, *Makyjãxi* (lavadeira) amoleceu a pedra com pouco de cuspe dela. O pica-pau foi batendo na pedra até abrir um grande buraco. Todos os povos saíram. Cada povo ficou debaixo de uma árvore. O branco saiu primeiro e ficou no pé de *kewatjamakje`y*. Depois saiu *Mỹky* e *Irantxe* (que é o mesmo povo) e ficou no pé de cambará, *tatykje`y*. Depois saiu *Kayabi* e foi no pé de *njamakje`y*. Depois saiu *Nambikwara* e foi no pé de *jotmakje`y*, jatobá do cerrado. *Paresi* foi para debaixo do pé de jatobá, *kurakje`y*. Beiço de pau foi no pé de *awakje`y*, Pindaíba do mato".

Palavras-chave: Casa tradicional *Mỹky*. Mito. Cultura. História. Identidade do povo *Mỹky*

RESUMO NA LÍNGUA *MỸKY*

Anỹ jotapy mananjũkje akikja, ijã pátiky, pánkje'y, tânkje'y mija mipjunkinã. Pátiraki mokoowykyjã Mỹky. Pátinkje'y jepte'y, jã kanỹỹ pasekje'y Mỹkykanỹỹ. Mjeky arei pánỹ mananũky watuhoowy pátiky kapytjai INÎ. Mokoowy jãkjeky ikjanamapjatini aonkjehy unkjehy wátuhowy Mỹky, Irantxe, Paresi, Nambiwara, Beiço de Pau, Kewa. Arei pánimy jãmipjukinã ijã pátiraki mokoowy aonkjehy ikjanamapjatini Mỹky. Tai wamãpjatini ahikinã tápjapjukini pukaopani ahi mjuhu kãkatykapatini, tai wamãpjatini makyxikinã tápjapjukini pukaopani makyxi majanã tikaku kaapjatini mjuhu. Wamãpjatini tumãkinã sei pytaka taãkaky ankjehy amjaty tapapjukini pukaopani pánpjaha. Taitapapjupatini tumãi ukamapjatini pankjehy, mjeky kapymapjatini Mỹky. Apukjuhu inĩ, owy kapymapjatini inĩ xikiky kju'u. Arei kixotukikja tâpirapjuopani tâkjunkjehy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Terra Indígena Menku 13
Figura 2 – Pica-pau furando a pedra - Ilustração 00 Desenho: Uwymnã Mỹky. 15
Figura 3 – Planta baixa da construção da casa tradicional 17
Figura 4 – Localização da casa no terreiro da aldeia 18
Figura 5 – Fazendo a estrutura para apoiar a cobertura. 18
Figura 6 – Mutirão para alinhamento dos primeiros três esteios centrais. 19
Figura 7 – Wãtu medindo com vara a altura dos esteios 20
Figura 8 – Armação da estrutura da casa por Tapau, Warakuxi, Wajakuxi e Kawyxi 21
Figura 9 – Claudio Jolasi preparando e colocando o sapé. 22
Figura 10 – Construção da casa de inajá por Nãpui e Kawyxi na Aldeia Japuíra. 22
Figura 11 – Kamtinuwy aprendendo a trançar. 23
Figura 12 – Xinũxi e Jamaxi cobrindo a casa com pacova. 23
Figura 13 – Orientação da casa virada para o nascente. 24
Figura 14 – Disposição das redes no interior da casa 25
Figura 15 – Disposição das redes no exterior da casa. 26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I – O HISTÓRICO DO POVO *MỸKY* 12

CAPÍTULO II – A ORIGEM DA CASA PARA O POVO *MỸKY* 15

2.1 A matéria prima utilizada na construção da casa *Mỹky* 16

2.2 O processo de demarcação da casa *Mỹky* 17

2.3 O processo de estruturação e armação da casa *Mỹky* 19

2.4 O processo de cobertura da casa *Mỹky* 21

2.5 A organização social da casa *Mỹky* 24

CONSIDERAÇÕES FINAIS 27

REFERÊNCIAS 28

CONSULTORES NATIVOS 28

INTRODUÇÃO

Meu nome é Wajakuxi Mỹky. Moro na Aldeia Japuíra, localizada no noroeste de Mato Grosso, município de Brasnorte. Somos uma população de 133 pessoas. Trabalho como professor na Escola Estadual Indígena *Xinũi Mỹky*, mas já ministrei aulas para turma de EJA, 2º ciclo, também trabalhei com crianças na alfabetização. Eu comecei a trabalhar no ano de 2005, antes mesmo de cursar o *Hayô* (Magistério Intercultural-Seduc), e atualmente estou cursando o último semestre do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Ciências Matemática e da Natureza) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, no município de Barra do Bugres.

O tema da nossa pesquisa é "A casa tradicional do povo *Mỹky*". Escolhi esse tema por causa da importância histórica dessa casa tradicional como moradia antigamente, e como ainda hoje ela é significativa na cultura, porque é nela que acontecem os rituais sagrados.

O nosso objetivo com o presente trabalho é mostrar a origem da casa tradicional e sua importância, porque os mais jovens querem saber mais sobre a casa tradicional do povo *Mỹky*, por isso, eu escolhi esse tema da casa para mostrar aos jovens da aldeia. Meu objetivo ainda é ensinar a meus alunos na sala de aula, porque só os mais velhos dominam a técnica e nós temos interesse em aprender mais sobre a construção da casa tradicional do povo *Mỹky*. E vou fazer esse trabalho para minha comunidade, incentivar as crianças *Mỹky* e ensinar na sala de aula para que elas conheçam essa história.

Essa casa é importante para o povo *Mỹky* porque nela é que nós morávamos antigamente e, por isso, queremos falar para nossas crianças porque é tão importante usarmos nossa casa tradicional na realização do ritual sagrado. E também quando o Vizinho Sagrado, a *Jéta*, sai para o terreiro, as mulheres e crianças ficam dentro dessa casa tradicional, como forma de respeito à *Jéta*. Quando estão dentro da casa, as mulheres respondem para o Vizinho, mas os homens todos ficam fora quando o Vizinho Sagrado sai para o terreiro.

Esse tema vai contribuir para a continuidade e fortalecimento da cultura, pois através dele as crianças e jovens vão conhecer cada vez mais a importância e o significado da casa tradicional na história do nosso povo.

Para realizar a presente investigação, eu pesquisei os mais velhos da aldeia, em forma de questionário com as seguintes perguntas: como eram feitas essas casas tradicionais do povo *Mỹky*? Antigamente quais materiais e tipos de madeira eram utilizados nas construções das casas? Quantos dias levavam para construir a casa? Como amarravam a palha na cobertura da casa tradicional do povo *Mỹky*?

Entrevistei o ancião Wajakuxi Mỹky, mais velho da aldeia, como foi a primeira casa que fizeram quando saiu da Pedra, a primeira casa *Mỹky*. Ele me disse que quando ainda moravam dentro da Pedra, eles moravam junto com outros povos como: *Paresi, Nambikwara* e outros. Depois que saiu da Pedra o povo *Mỹky* se separou dos *Irantxe.* O povo *Irantxe* ficou no cerrado e também o povo *Paresi* ficou no cerrado, já nós, povo *Mỹky*, viemos para o mato alto. Então ele me disse que fizeram a primeira casa e essa casa era toda de pacova.

CAPÍTULO I – O HISTÓRICO DO POVO *MỸKY*

De acordo com Bueno (2010), no início do século XX aconteceram vários massacres dos povos indígenas do noroeste do Estado de Mato Grosso. Conta que houve um massacre em uma das aldeias que ficava nas proximidades do córrego Tapuru, no vale do rio Cravari, em Mato Grosso. Esse massacre foi feito pelos seringueiros, que achavam que nós índios éramos problema para os seus interesses econômicos. O povo indígena fugiu para sobreviver e esses povos vítimas do massacre dos seringueiros são os *Irantxe* e nós, os *Mỹky*. O povo *Mỹky* ficou isolado por um longo período.

Em 13 de junho de 1970, foi o encontro do povo *Mỹky* com os não indígenas. Thomaz de Aquino Lisboa, Adalberto de Holanda Pereira e dois indígenas: Tupxi Irantxe, Tapura Irantxe. Na época, depois do massacre, restaram apenas 23 pessoas, mas, atualmente, o povo conta com 135 pessoas entre velhos, jovens e crianças. Temos apenas uma aldeia, chama-se Aldeia Japuíra *Mỹky*, pertencente à Terra Indígena *Menku*, localizada no município de Brasnorte-MT. A nossa terra indígena fica a 580 quilômetros da capital Cuiabá.

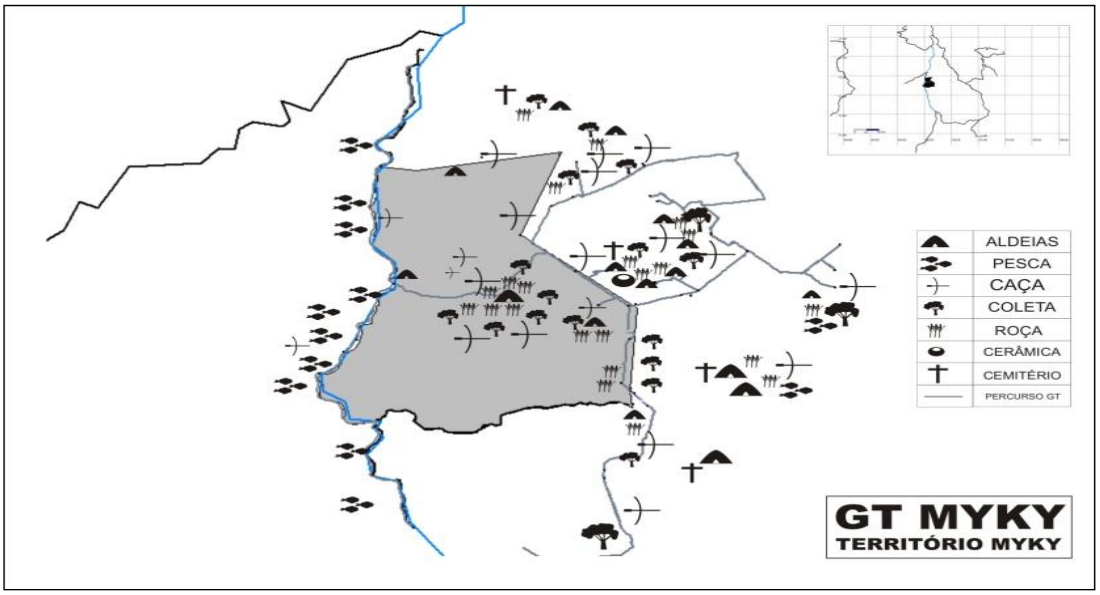
Trata-se de um povo de língua isolada, não pertencente a nenhuma família linguística. A língua foi estudada desde 1978 pela linguista Ruth Montserrat.

Todos nós falamos nossa língua materna *Mỹky*, nós não esquecemos nossa língua materna. Mas também aprendemos a falar a língua portuguesa para nos comunicarmos com o não índio.

O povo *Mỹky* vem lutando pela demarcação do território tradicional que ficou de fora da reserva. Nós queremos essa terra devolvida para nós. Ficaram fora da demarcação, nosso castanhal, a área do Tucunzal e muitos outros lugares tradicionais como aldeias antigas, cemitérios e outras áreas significativas. Nós queremos preservar esse castanhal, toda a natureza, nosso meio ambiente, a diversidade dos animais e das plantas.

Atualmente temos a terra de 47.094ha que é demarcada, mas estamos lutando pela recuperação do território tradicional, apesar de todo o entorno estar ocupado por fazendas e monocultura. Em volta da nossa área já está começando lavoura e a nossa terra fica no meio, diminuindo a caça e a pesca que fazem parte do nosso sustento. Toda a cabeceira dos rios fica na fazenda, aí ficamos com medo, preocupados porque bebemos água suja e é, por isso, que queremos a demarcação da Terra para nossa sustentabilidade e bem viver, pois as fazendas de soja e algodão ou cana em volta, além da infestação dos agrotóxicos, visam apenas o lucro dos poderosos. Essa luta é feita por todos nós, lideranças, adultos e crianças.

Figura 1 – Mapa da Terra Indígena Menku



Fonte: Elaborado durante o GT da nova demarcação do território tradicional. 2007-2009

A nossa organização social é constituída do cacique, lideranças, Conselho Escolar e membros da comunidade. Nossas reuniões são convocadas pelo cacique, conforme as necessidades, como, por exemplo, a reunião para fazer a roça da comunidade, a realização da caçada para a nossa festa e oferecimento para nossa *Jéta.*

É com a *Jéta* que nós fazemos a roça da comunidade. Até hoje nós procuramos fortalecer nossa espiritualidade para não ficar doente. A *Jéta* fortalece nosso povo *Mỹky*, como na produção dos alimentos, das danças culturais e na iniciação dos rapazes.

Nós praticamos a nossa cultura e costumes e comemos a caça do mato, como anta, macaco prego, a paca, a cutia, tamanduá, porco, etc. Temos a alimentação da roça e realizamos nosso ritual. Fazemos as festas culturais do povo *Mỹky*, dançamos e cantamos a músicas dos animais. Também temos rituais sagrados e é com eles que realizamos a roça comunitária e a iniciação dos meninos.

Nós da comunidade *Mỹky* ainda fazemos a roça de toco, temos a roça da comunidade onde nós trabalhamos em conjunto, e temos ainda as roças familiares. A roça de toco é a derrubada que é feita na mata, e é nesse lugar que nós plantamos milho, cará, batata doce, mandioca, amendoim e outros produtos crioulos.

A roça da comunidade é uma roça grande com muita mandioca, porque quando tem festa todas as mulheres vão nessa roça e apanham o necessário para fazer beiju na festa.

A roça comunitária é muito importante porque é nela que é feita a iniciação dos meninos que é uma ação sagrada que só os homens podem saber.

Nós, o povo *Mỹky*, vivemos na Terra Indígena *Menku* há 45 anos, desde o contato em 1971. Antes era muito mata, muito peixe. Hoje em dia está difícil, já não tem muita caça e antes a mata era bonita, agora em volta tudo está desmatado.

Hoje na nossa aldeia Japuíra têm posto de saúde, escola, poço artesiano que fornece água para as famílias, e o rio Papagaio que fica a 07 quilômetros da aldeia.

A Escola Estadual Indígena *Xinõi Mỹky* foi criada no ano de 2005, e nós somos em 6 professores que atuam na sala de aula. A escola compreende o ciclo fundamental e, a partir de 2016, haverá o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional - Técnico em Agroecologia.

Atualmente temos o diretor da escola, o coordenador pedagógico, o conselho da escola, o conselho da saúde, as demais lideranças da aldeia, os alunos e alunas e todos os moradores.

CAPÍTULO II – A ORIGEM DA CASA PARA O POVO *MỸKY*

A história que fundamenta o presente texto foi contada pelo ancião Jamaxi Mỹky. Segundo esse ancião, e também confirmado por outros anciãos, primeiro todos os *Mỹky* moravam juntos dentro da pedra grande. Dentro da pedra dançavam *katêtiri.* Certo dia, *Kunõxi,* um urubuzinho saiu da pedra. Ele saiu por um buraquinho da pedra e foi espiar lá fora, então ele viu uma flor, apanhou a flor e voltou para dentro da pedra. Mas o urubuzinho estava triste. Os outros moradores da pedra perguntaram para ele: "- Urubuzinho, porque você está triste?"

O urubuzinho respondeu para o cunhado dele: "- Lá fora é tão bonito!" E mostrou a flor que ele apanhou. Ele falou: "- Lá fora é muito bonito! Tem flor, tem mato, tem rio, tem tudo".

Todo pessoal viu a flor, todo o pessoal falou: "Queremos sair! Vamos espiar lá fora. Vamos sair! Vamos espiar lá fora". Mas eles perguntaram: _ "Como que nós vamos sair? " Então a paca (*ahi*) e a cutia (*makyxi*) que moravam lá fora, escutaram e pensaram: _ "Vamos ajudar a eles. "Vamos abrir essa pedra para eles saírem". A paca roeu um pouquinho, mas quebrou os dentes dela. A cutia também roeu um pouquinho, mas quebrou os dentes. Falaram para *tumai,* o pica-pau: _ "Como você come coró no pau duro, será que você tem jeito de furar essa pedra?" Tinha um velho dentro da pedra que falou: "Cuidado! Aqui nós não vamos morrer, mas lá fora tem briga, tem doença, tem morte. Lá fora vocês vão morrer".

Figura 2 – Pica-pau furando a pedra - Ilustração 00 Desenho: Uwymnã Mỹky.

Fonte: Adailton Alves da Silva, 2009.

Mas eles falaram: _ "Lá fora é bonito, nós queremos sair". Então, *makyjãxi* (lavadeira) amoleceu a pedra com pouco de cuspe dela. O pica-pau foi batendo na pedra até abrir um grande buraco. Todo o povo saiu. Cada povo ficou debaixo de uma árvore. O branco saiu primeiro e ficou no pé de *kewatjamakje`y*. Depois saiu *Mỹky* e *Irantxe* (que é o mesmo povo) e ficou no pé de cambara, *tatykje`y*.

Depois saiu *Kayabi* e foi no pé de *njamakje`y*. Depois saiu *Nambikwara* e foi no pé de *jotmakje`y*, jatobá do cerrado. *Paresi* ficou debaixo do pé de jatobá, *kurakje`y*. Beiço de Pau foi no pé de *awakje`y*, pindaíba do mato.

O velho ficou lá dentro da pedra. Ele enfatizou: _"Não quero morrer de doenças e brigas que há lá fora. Vocês vão sair, então vão brigar, pegar doença e irão morrer". Algumas pessoas mais velhas contam que velho saiu, mas que se esqueceu do pente, outras disseram que se esqueceu da cera, então voltou para buscar e o pessoal o fechou lá dentro. Há antepassado que falam que ficou mais gente lá dentro da pedra.

A partir da história contada no mito de origem do povo *Mỹky*, eu trabalhei todo o processo de construção da casa e a organização social da casa como moradia, ontem e hoje.

2.1 A matéria prima utilizada na construção da casa *Mỹky*

Antes de fazer a casa tradicional, os homens têm que ir ao mato procurar a madeira bem resistente, pois não pode pegar qualquer madeira senão a casa vai durar pouco tempo. Na construção da casa tradicional, nós usamos a madeira itaúba, madeira de embira, madeira de pitomba.

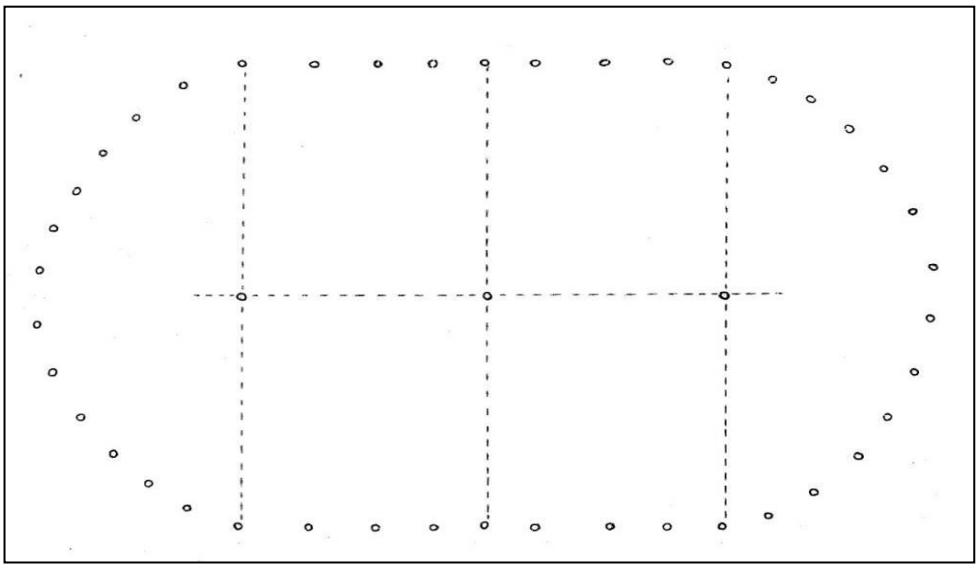
São esses os materiais para construir a casa tradicional do povo *Mỹky*. Esses materiais são encontrados na mata mais alta, na mata alta e também no cerrado.

São os homens mais velhos, jovens e crianças que vão ao mato para escolher e cortar a madeira. Elas eram trazidas antigamente nos braços e costas dos homens, hoje já trazemos de carro.

Os diversos tipos de madeira tanto itaúba, embira e pitomba devem ser extraídas no tempo da seca. Os responsáveis são dois velhos escolhidos pela comunidade para coordenar o trabalho da construção. Os outros homens e os jovens se unem a eles para fazer o mutirão de construção. Da embira primeiro tiramos a casca, da itaúba e pitomba só cortamos o pau para carregar e já no local da casa, fazemos as forquilhas no pau de itaúba e acertamos as laterais para usar como esteio.

2.2 O processo de demarcação da casa *Mỹky*

Figura 3 – Planta baixa da construção da casa tradicional



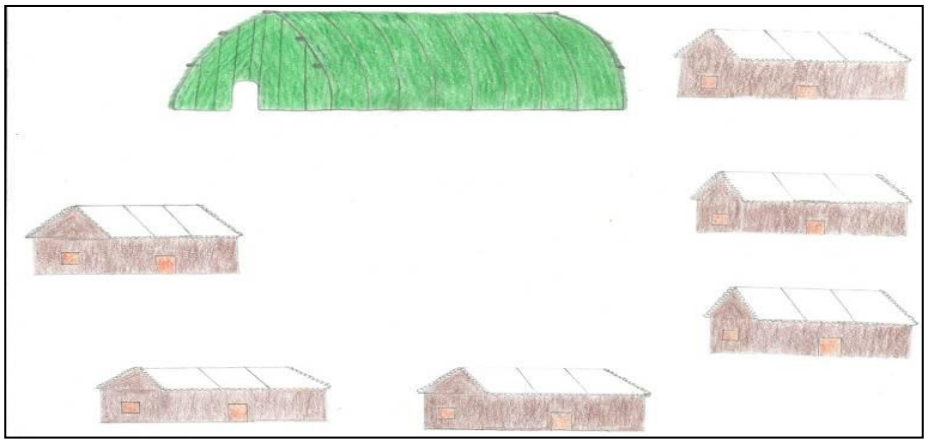
Fonte: Wajakuxi Mỹky, 2016

Segundo Cantini (2007), a casa *Inĩ,* a maloca tradicional *Mỹky*, em geral, mede aproximadamente 7 metros de largura, por 16 metros de comprimento. Sua parte mais alta chega a aproximadamente 4 metros de altura e costuma possuir duas portas opostas. No sentido mais longo tem forma ovalada e seu esqueleto é feito, principalmente, com uma madeira leve chamada de pindaíba (*jukje'y),* um tipo de madeira mais resistente para os esteios, que podem ser de itaúba (*marekje'y)* (*Mesilaurusitaúba*) ou jatobá (*kurakje'y*) (*hymenaeacourbaril*), e amarrada com cipó / kaumã. A cobertura é feita com as folhas trançadas do inajá (*xikijawai*), um tipo de palmeira (*Attaleadubia*) muito comum na região.

O lugar da construção é sempre no terreiro central e ao lado da casa é que acontece o ritual da *Jéta.* É um espaço grande, sempre bem cuidado. A casa é construída com a seguinte orientação: uma das portas deve dar para o nascente de modo que pela manhã entra sol e à tarde é o sol do poente que torna o interior mais claro. (Ver a orientação na Figura 14)

Em primeiro lugar, tem de medir o tamanho da casa que vai ser feita, cavar os três buracos principais para colocar três esteios. Medir uma largura de aproximadamente cinco metros de largura, para colocar o caibro para firmar as laterais. E depois colocar a viga bem comprida para travar todas as laterais.

Figura 4 – Localização da casa no terreiro da aldeia



Fonte: Wajakuxi Mỹky, 2016

A cobertura que nós colocamos na casa tradicional é de inajá e trançamos bem juntinho. Bem antigamente, também se fazia a cobertura da casa de sapé. Então, primeiro nós tirávamos o sapé, depois as folhas mais secas e depois se amarrava em feixe.

Figura 5 – Fazendo a estrutura para apoiar a cobertura.

Fonte: Adailton A. da Silva, 2009.

Antes de cavar os buracos, os antigos mediam os espaços com varinhas e depois cavavam os buracos, ou mediam com o pé também. Em primeiro lugar colocavam os três esteios no meio, uma viga bem comprida em cima, e depois colocavam a viga e armavam a lateral com caibro, para firmar. Depois de tudo feito, colocavam a ripa em volta do caibro,

amarravam com o cipó bem resistente, que nós chamamos de *kaumã.* Com esse *kaumã* é que nós amarramos o caibro e a travessa.

Quando a cobertura é de sapé, vão trazendo em feixes e fazendo uma pilha e à medida que usam vão percebendo se é preciso buscar mais.

Quando a cobertura é de inajá, as folhas eram carregadas nos ombros e os velhos falam que dependia da quantidade de homens que iam carregar da mata para o local e de quantas viagens eram necessárias para o número de trabalhadores. Calcula-se hoje serem usadas umas 300 a 500 folhas de inajá conforme o tamanho da casa.

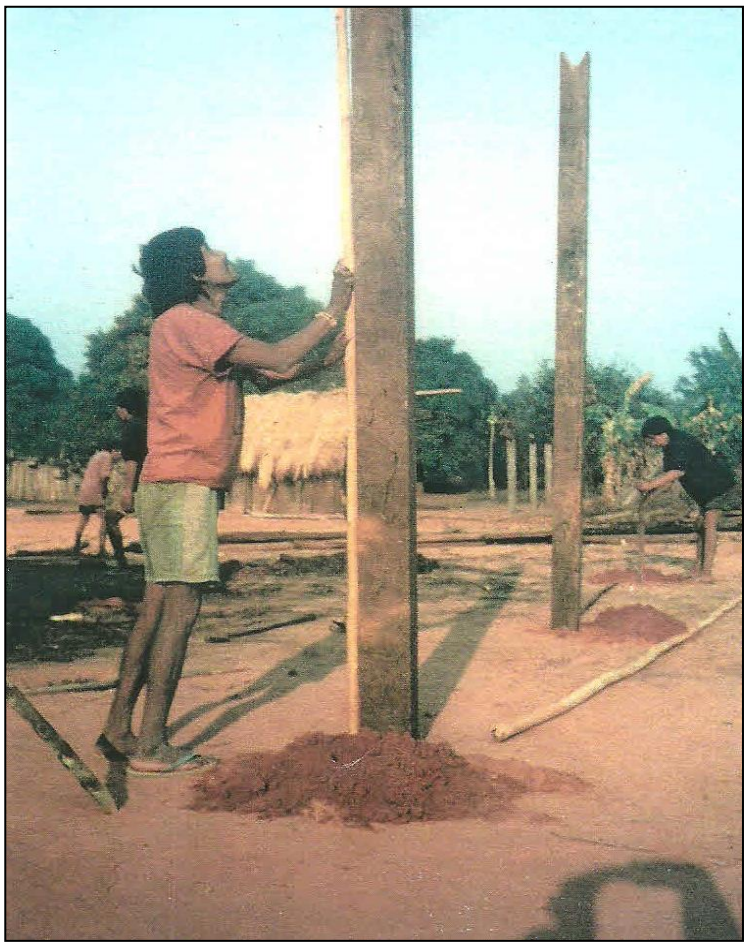
2.3 O processo de estruturação e armação da casa *Mỹky*

Figura 6 – Mutirão para alinhamento dos primeiros três esteios centrais.

Fonte: Adailton Alves da Silva, 2009.

A distância entre os esteios centrais era marcada por uma vara de um tamanho que indicava o espaço de uma família, o que hoje a gente mediria uns 5 metros. Essa vara era deitada no chão e com o pé faziam um risco no chão para marcar o lugar do buraco para colocar o esteio.

Figura 7 – Wãtu medindo com vara a altura dos esteios



Fonte: Elizabeth Amarante, 1996

A distância entre os caibros: primeiro colocava uma ripa em cada extremidade da casa e iam colocando então os caibros de acordo com o espaço total. A casa da figura 03 apresenta uma quantidade de 9 caibros e sabemos que aquela casa construída em 2009 media 13 metros, o que significa que o espaçamento de 1 metro aproximadamente era decidido durante a construção de acordo com a extensão da casa e calculado com o número de pés.

A distância entre as varas para colocar a palha era resolvida do seguinte modo: a folha de inajá era colocada de baixo para cima de modo a ver até que altura dava o seu comprimento. A foto abaixo (figura 8) ilustra bem esse processo. No caso, seriam colocadas 2 folhas de inajá e as varas teriam de ter a distância indicada na foto para poder apoiar devidamente a folha. No caso do sapé, o mesmo processo, sendo que o sapé é bem mais curto.

O alinhamento da viga central é que trava todos os caibros. Ela é muito importante porque os caibros são apoiados nas forquilhas dos esteios, mas só essa viga é que vai dar firmeza a todo o telhado.

Figura 8 – Armação da estrutura da casa por Tapau, Warakuxi, Wajakuxi e Kawyxi

Fonte: Elizabeth Amarante 2010

A inclinação dos caibros até o chão deve prever uma altura bastante alta para quando chover a chuva escorrer sem empossar a palha. Essa distância os velhos calculavam a partir do esteio central de aproximadamente 4m de altura até o chão. Ver figura 03

Alguns pesquisadores estudaram a construção de nossa casa e, segundo PortoCarrero (2010), a estrutura da casa tradicional *Mỹky* é toda construída de madeira pindaíba e *jukje`y* (embira), uma linha de três esteios com cerca de 30 cm de diâmetro por 4 m de altura, sendo o esteio central denominado *kurarakje`y*, que por sua vez sustenta a viga da cumeeira, *kaykje y*, e esta recebe as vigas- terças, *inkjapuwy*, fincadas no chão (pata) e amarradas na cumeeira. O esteio central pode ser também de madeira itaúba, ainda abundante na região, sendo cravados até um metro de profundidade. Amarradas nos esteios e apoiadas nas vigas-terças estão colocadas três vigas horizontais, elevadas a quase 2m do solo, que funcionam como travamento da estrutura e também servem para pendurar utensílios e outros pertences.”

2.4 O processo de cobertura da casa *Mỹky*

A cobertura da casa tradicional nós fazemos da palha de inajá do mato, e tem outra palha para fazer a casa como a palha de bacaba e sapé. Em cima da casa, nós cobrimos com

folha de pacova, em cima da pacova colocamos talo de inajá, aí amarramos com cipó. Usávamos o talo de inajá, pois este era muito resistente à chuva e ao vento.

Figuras 9 – Claudio Jolasi preparando e colocando o sapé.

Fonte: Adailton Alves da Silva, 2009.

Figura 10 – Construção da casa de inajá por Nãpui e Kawyxi na Aldeia Japuíra.

Fonte: Elizabeth Amarante 2010

São usadas mais ou menos umas 500 palhas de inajá que são colocadas bem juntinhas e trançadas e amarradas com o cipó. As crianças ficam olhando para aprender e os homens

adultos fazem a cobertura. As crianças também ajudam a carregar a palha a trazem para cobrir a casa. Atualmente até mesmo as moças estão se interessando em aprender a trançar o inajá.

Figura 11 – Kamtinuwy aprendendo a trançar

Fonte: Elizabeth Amarante 2012

Figura 12 – Xinũxi e Jamaxi cobrindo a casa com pacova

Fonte: Elizabeth Amarante, 2010.

Figura 13 – Orientação da casa virada para o nascente

Fonte: Elizabeth Amarante, 2010.

2.5 A organização social da casa *Mỹky*

Segundo Amarante (2002), não se trata de uma casa de tijolo ou de pedra, parede, teto e chão. Para ela,

> A casa para ser habitada é algo vivo. É uma construção que continuará sempre sendo construída porque uma casa onde se vive é sempre parte do projeto de vida de quem nela mora. A história da casa material inicia-se por seu projeto e termina como a sua construção. Mas aqueles que moram na casa constroem uma história cujo projeto está sempre acontecendo. Um projetar-se permanente.

É importante a descrição da casa na cultura *Mỹky* como espaço paradigmático de seus valores fundamentais. De 1971 a 1980, moravam todos (eram 28 pessoas) em uma única casa, toda de palha, seguindo o modelo tradicional. A palha de inajá era trançada cuidadosamente e duas pequenas aberturas laterais serviam de porta. Uma casa que prolongava o espaço harmônico da casa da pedra onde todos conviviam juntos.

No processo de divisão social da casa, antigamente, todas as famílias moravam junto numa casa só, sem nenhuma divisão, a esposa e o esposo ficavam na entrada da porta à direita. Filhas e filhos ficavam na entrada da porta à esquerda. No meio, faziam o fogo para

cozinhar e jirau também para guardar os alimentos, armazenamento do milho. Tinha espaço bastante para amarrar as redes. Nessa casa, a vida era bem tranquila só se preocupavam em falar para crianças: "Não brinquem com fogo perto da casa, porque a casa pode pegar fogo". Era importante deixar espaço no meio da casa para as pessoas circularem e saírem de outro lado da casa para dançar no terreiro a *katêtiri* que chamamos de cinco flautas.

O interior da casa - *inĩ* - é despojado, sendo as duas entradas, já, diametralmente opostas no sendo longitudinal. A fogueira, *ánã* é feita debaixo dos jiraus localizados no meio dos dois vãos formados pelos três esteios.

Embora os informantes não tenham feito nenhuma referência especial, pode-se notar que a casa da aldeia Japuíra, em 2004, estava orientada no sentido do eixo N-S. Segundo os mesmos informantes, antigamente, esse grupo construía casas até maiores, nas quais chegavam a habitar trinta pessoas. Apenas os homens participam da execução da *inĩ,* cujo tempo de execução foi estimado pelos índios como sendo por volta de quinze dias, sempre na estação seca. Antigamente nós morávamos nessa casa, ela tinha que proteger todas as famílias, mas hoje ela só é usada durante o ritual de *Jéta.*

Figura 14 – Disposição das redes no interior da casa

Fonte: Elizabeth Amarante 2010

Os velhos explicam que as redes se colocavam em torno dos fogos acesos para cozinhar e aquecer à noite. Em 1979, quando era apenas uma casa grande abrigando entre 30

a 40 pessoas, havia 3 fogos ao longo do espaço interno e as redes das famílias se agrupavam em torno. As redes mais curtas das crianças ficavam nos cantos e as redes maiores dos adultos se estendiam entre caibros mais distantes, assim falou o velho Xinũxi. Nas noites de *Jéta* só as mulheres permanecem na casa com as meninas e os garotos ainda não iniciados. Atualmente que a casa não é mais usada para moradia, nas noites de *Jéta*, todas as mulheres e crianças se abrigam na casa tradicional.

Figura 15 – Disposição das redes no exterior da casa.

Fonte: Adailton Alves da Silva, 2014.

Quando a *Jéta* vem cantar no terreiro, os homens armam suas redes do lado de fora e cada um acende seu fogo para se aquecer durante toda a noite. Nessa ocasião, a casa tem um significado especial e, tanto as mulheres quanto as crianças dentro da casa, como os homens do lado de fora, realizam o ritual sagrado da *Jéta*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho que fiz sobre casa tradicional do povo *Mỹky*, vai ser muito bom para minha comunidade e para repassar o conhecimento para nossas crianças, mostrando o quanto a casa tradicional é importante na cultura *Mỹky*.

Minha intenção foi valorizar essa *Mỹky Kju'u*, casa tradicional, porque é nela que nós fazemos o ritual da *Jéta*.

Essa casa é o símbolo do passado e do futuro. Símbolo do passado, porque de certo modo ela é o resumo de toda a história do povo *Mỹky*, desde a saída da Pedra até hoje. E essa casa é também símbolo do futuro, horizonte da continuidade da cultura, da Festa, da proteção dos Espíritos que vêm cantar no terreiro da aldeia.

Essa casa é importante para o povo *Mỹky*, para as crianças que vão nascendo, para a juventude que vai assumindo a liderança de nosso povo. Os momentos mais importantes de nossa vida estão ligados a essa casa onde a gente morava antigamente, e onde hoje as mulheres rezam a *Jéta*.

Essa casa tradicional que continuamos a construir no centro da aldeia significa, de modo especial, a harmonia da comunidade, continuando o "Caminho-História" de nosso povo, com saúde e alegria, vivendo a FESTA na partilha e no convívio *wátuhowy*!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CASA TRADICONAL DO POVO MỸKY – ETNOMAEMÁTICA E LINGUAGENS- Apoio a Projetos Pedagógicos Escolares. Edital 002/09 SEDUC

AMARANTE, Elizabeth. Construir a Esperança, Valores e desafios de uma sociedade indígena: o Povo Mỹky CESEP – São Paulo, 2002.

BUENO, Ana Cecília Venci. Parentesco e memória: uma reflexão acerca das redes genealógicas Mỹky e Irantxe. 34º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu – MG, 2010. Disponível em:http://www.anpocs.org/

CANTINI, Gianpaolo Primo Pietro de. Etnohistória Mỹky. Universidade do Estado de Mato Grosso. Tangará da Serra, 2007.

PORTOCARRERO, Jose Afonso Botura. Tecnologia em Mato Grosso. Habitação – Ed. Entrelinhas, 2010.

SOUZA, Francisco Josivan. Casa e caminho no mito de origem Myky. Dissertação de Mestrado em Educação – PVE. S Paulo, 2008.

CONSULTORES NATIVOS

Janãxi Mỹky

Wajakuxi Mỹky

Xinũxi Mỹky